

Arqueologia do antigo Oriente Próximo no Brasil: o Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo e sua coleção

Archeology of the ancient Near East in Brazil: the Museum of Biblical Archeology of the Adventist University Center of São Paulo and its collection

Arqueología del antiguo Oriente Próximo en Brasil: el Museo de Arqueología Bíblica del Centro Universitario Adventista de São Paulo y su colección

Valéria Marques dos Santos Tavares*
Claudia Rodrigues Ferreira de Carvalho**

RESUMO

Uma das ramificações da arqueologia é a arqueologia bíblica, que tem como objetivo pesquisar os vestígios materiais de culturas que aparecem no contexto bíblico, principalmente o que diz respeito à cultura judaico-cristã. O único museu de arqueologia bíblica da América Latina está no Brasil, dentro do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). O presente artigo tem como objetivo apresentar os mecanismos de formação do Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) do UNASP, a partir de sua coleção arqueológica. Pontua-se a relação entre arqueologia e os acervos referentes às peças do contexto bíblico. Apresenta-se algumas definições de arqueologia bíblica. Por fim, analisam-se as características do museu e de seu acervo a partir de suas potencialidades, debilidades e sua pretensão de iluminar o contexto bíblico por meio da cultura material relacionada aos povos que aparecem no texto bíblico.

Palavras-chave: Museu de Arqueologia Bíblica; arqueologia bíblica; acervo arqueológico.

ABSTRACT

One of the ramifications of Archaeology is Biblical Archaeology, whose objective is to search for the material vestiges of cultures that appear in the biblical context, especially with regard to the Judeo-Christian culture. The only Museum of Biblical Archaeology in Latin America is in Brazil, within the campus of the Sao Paulo Adventist University (UNASP). This article aims to present the formation mechanisms of UNASP's Museum of Biblical Archaeology (MAB), from its archaeological collection. In order to do that, we define Biblical Archeology and study the relationship between the biblical context and the artifacts. Finally, we analyze

* Mestre em Arqueologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (Museu Nacional/UFRJ) E-mail: valeria_marquesds@hotmail.com.

** Doutora e mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública (FIOCRUZ), Professora Adjunta do Setor de Antropologia Biológica do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/ UFRJ e atual diretora do Museu Nacional/UFRJ.

the characteristics of the museum and its collection, pointing to its potential, weaknesses and intention to illuminate the biblical context by resorting to the material culture related to the people who appear in the biblical text.

Keywords: Museum of Biblical Archaeology; biblical archaeology; archaeological collection.

RESUMEN

Una de las ramificaciones de la Arqueología es la Arqueología bíblica, que tiene como objetivo examinar los vestigios materiales de las culturas que aparecen en el contexto bíblico, principalmente, en lo que se refiere a la cultura judeocristiana. El único Museo de Arqueología Bíblica de América Latina está en Brasil, dentro del Centro Universitario Adventista de São Paulo (UNASP). El presente artículo versa sobre los mecanismos de formación del Museo de Arqueología Bíblica (MAB) del UNASP, a partir de su colección arqueológica. Exponemos la relación entre Arqueología y os acervos referentes a las piezas del contexto bíblico. Presentamos también las definiciones de la Arqueología bíblica. Por fin, analizamos las características del museo y de su acervo a partir de sus potencialidades, debilidades y su pretensión de iluminar el contexto bíblico por medio de la cultura material relacionada con las gentes que aparecen en el texto bíblico.

Palabras clave: Museo de Arqueología Bíblica; arqueología bíblica; acervo arqueológico.

Introdução

A arqueologia tem contribuído para o estudo da historicidade da narrativa bíblica. Os estudos arqueológicos identificaram alguns lugares citados na Bíblia, estabeleceram datações e contribuíram para uma maior compreensão do universo cultural e linguístico presente nos textos bíblicos. Alguns pesquisadores se dedicam ao estudo de arqueologia dentro das culturas tratadas no contexto bíblico. Esse tipo de estudo arqueológico voltado para o contexto bíblico foi denominado de arqueologia bíblica, inicialmente:

O século XIX foi um período fértil para o conhecimento da arqueologia bíblica, porque o interesse de pesquisadores e a contribuição financeira de instituições acadêmicas fizeram com que fosse possível desenterrar cidades antigas sepultadas debaixo de densas camadas de areia, recuperar monumentos, imagens sagradas, vestígios de palácios, documentos epigráficos e outros que estavam sumidos aguardando o tempo do seu afloramento (AGUILAR, 2010, p. 3).

A historicidade de muitos fatos narrados na Bíblia é algo comprovado em muitas fontes extrabíblicas, tais como a estela de Dã, feita pelo rei Hazael de Damasco, que possui paralelo com 2 Reis 9-10; a estela de Mesa, rei de Moabe, que possui paralelo com 2 Reis 3; a estela redigida por Salmanassar III, que possui paralelo com 1 Reis 16 - 2 Reis 12; monumentos, objetos de arte e inscrições egípcias, assírias, hititas, fenícias, babilônicas e cananeias; resultados das escavações em *tells*; etc. (FRÉDÉRIC, 1978; KAEFER, 2015). Portanto, entende-se que os textos bíblicos, para além de seu significado religioso, apresentam em suas narrativas conteúdos possíveis de serem considerados como históricos que contribuem com a construção de contextos pretéritos.

As expedições exploratórias, científicas, missões e pesquisas arqueológicas, ocorridas desde a Idade Média até os dias de hoje no antigo Oriente Próximo, resultaram em um infinito número de artefatos arqueológicos de diversas culturas antigas em todos os lugares do mundo. Seja de forma legal ou ilegal, muitas peças arqueológicas vão para vários países todos os anos. Muitos museus adquirem suas peças a partir de pesquisas arqueológicas. Porém, a compra de material arqueológico também é muito recorrente. Antes da arqueologia se estabelecer como ciência, muitas peças eram retiradas de seu contexto sem a sistematização das informações, já que os métodos de pesquisa não estavam estabelecidos. Os objetos eram destinados tanto para museus, quanto para colecionadores particulares. Apesar, dos avanços na legislação e alta fiscalização sobre a venda ilegal de artefatos, ainda hoje ocorre a retirada de muitos objetos de seus contextos, sem sistematização científica, para serem comercializados.

Entende-se que a análise das coleções de museus é parte integrante da pesquisa arqueológica, já que os acervos podem ser fontes para a produção de conhecimento para pesquisadores e para o público leigo. O acervo das peças arqueológicas, quando analisado, pode apresentar as características dos costumes, hábitos, padrões de consumo, simbolismos e atividades de determinada cultura. A produção de conhecimento por meio dessas evidências materiais se dá de diversas maneiras: exposições, publicações e ações pedagógicas. O que falar, então, de coleções relacionadas à arqueologia bíblica? Como um museu de arqueologia bíblica pode ser fonte para a pesquisa científica e produção de conhecimento?

O presente artigo fará uma discussão sobre o Museu de Arqueologia Bíblica (MAB) do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP) e sua coleção, com o objetivo de apresentar os mecanismos de formação do museu e sua coleção. Seu acervo nos remete ao passado dos povos do contexto bíblico e, atualmente, totaliza 2.117 peças. O propósito deste museu é:

coleccionar, investigar e expor achados arqueológicos mencionados no mundo da Bíblia, a fim de prover o melhor meio de apresentar a cultura da Europa (antes da Idade Moderna), Egito, Grécia e antigo Oriente Médio, relacionada à narrativa bíblica e à origem da história do cristianismo. A intenção de seus coordenadores foi criar uma coleção de objetos de cerâmica, moedas, estatuetas, inscrições e outros artefatos que pudessem servir como amostras representativas dos diferentes períodos da história bíblica e do período pós-apostólico, incluindo a invasão islâmica em Israel e sobre a Cristandade da Idade Média (SILVA; XAVIER, 2012, p. 8).

No dia 14 de maio de 2000, o museu foi inaugurado, recebendo o nome de *Museu de Arqueologia Paulo Bork*, em homenagem ao primeiro doador de

acervo do museu. Seu espaço físico é formado apenas por uma sala dentro da biblioteca do Centro Universitário Adventista de São Paulo, na cidade de Engenheiro Coelho, SP. (TIMM, 2010). No ano de 2016, o *Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork* passou a se chamar *Museu de Arqueologia Bíblica* (MAB) do UNASP.

A manutenção do museu, sua expansão física e aquisição de peças são provenientes do Centro Universitário Adventista e de doações de filantropos. Ele está sob a administração do UNASP, portanto, é um museu universitário. Desde sua criação, há o planejamento de sua expansão física e o aumento de seu acervo.

Percebe-se que o interesse pelo mundo bíblico por vertentes do cristianismo e suas demais formas sincréticas, e mesmo por aqueles que não possuem orientação religiosa, é latente no Brasil. Desde a Idade Média, Moderna e Contemporânea, sempre houve um forte interesse por tudo aquilo relacionado com a Bíblia¹. O MAB e sua coleção merecem ser objetos de estudo, pois é o único museu de arqueologia bíblica da América do Sul. Além disso, é um museu universitário que se propõe a tratar do contexto bíblico a partir do viés científico.

Algumas definições de arqueologia bíblica

Aguilar (2010) define arqueologia bíblica como o estudo dos vestígios de povos, cujos eventos históricos guardam relação com o registro bíblico. Entre os povos mais citados no texto bíblico, podem-se destacar o Egito Antigo, no norte da África; a Síria, no norte da Palestina; Assíria, no norte da Mesopotâmia entre os rios Tigre e Eufrates; a Babilônia, que ocupava o sul da Mesopotâmia; a Pérsia e a Ásia Menor; sul da Europa, onde hoje está localizada a Grécia e a Turquia. Já segundo Silva (2010, p. 52),

A arqueologia bíblica histórica é o estudo científico de qualquer cultura que se relaciona com a história da Bíblia. Ela trata, acima de tudo, de escavações e descrições dos vestígios dessas antigas civilizações do mundo bíblico. No entanto, ela inclui alguns artefatos mais recentes das diversas dominações árabes na região da Palestina e da igreja cristã antes da Era Moderna.

Inicialmente, a Bíblia foi o único documento histórico a ser considerado como norteador das pesquisas, mas, a partir do século XIX, com o desenvolvimento da disciplina e o crescente número de achados, outros tipos de

¹ Entende-se, aqui, como bíblia, os diversos conjuntos de textos considerados sagrados para as religiões cristãs. Existem várias traduções e composições para a bíblia, havendo, portanto, organizações canônicas diferentes.

documentos começaram a ser utilizados como fonte para compreender os povos que existiam nesses lugares. Currid (2003) afirma que a chamada arqueologia da Bíblia é geralmente categorizada como arqueologia pré-clássica e uma subdivisão da arqueologia siro-palestina. Segundo ele, a arqueologia bíblica corresponderia principalmente aos períodos da Idade do Bronze, Idade do Ferro e ao período da dominação persa, helênica e romana sobre a região do Levante.

Para muitos arqueólogos israelenses, a designação “arqueologia bíblica” se refere a um período cronológico que vai desde a Idade do Bronze até o fim do período persa, no sudeste do Levante (Israel e Jordânia). Já pesquisadores europeus preferem evitar esta designação e se utilizam dos termos “arqueologia da Palestina”, “arqueologia siro-palestina” ou “arqueologia do Levante”. Na academia alemã, o termo arqueologia bíblica ainda é muito usado (STEINER; KILLEBREW, 2014).

A arqueologia bíblica é, portanto, um termo cunhado por muitas divergências acadêmicas e culturais. Contudo, deve ser visto como um tema pontual para estudo, porque não produz apenas o interesse acadêmico: as descobertas relacionadas ao universo bíblico têm um forte interesse social, uma vez que o Ocidente e Oriente possuem grande número de adeptos do cristianismo, em todas as suas vertentes, inclusive as mais sincréticas. Dessa forma, a investigação sobre o tema pode fornecer a possibilidade de compreender melhor o texto e o contexto bíblico à luz do momento cultural em que foram produzidos e que estavam inseridos para a sociedade como um todo.

Para tanto, no presente artigo, o termo arqueologia bíblica será mantido, uma vez que se entende que a cultura material estudada pela arqueologia bíblica está restrita, geográfica e temporalmente, ao contexto bíblico. Assim, entende-se também que a arqueologia bíblica, portanto, destina-se a descobrir possíveis vestígios arqueológicos e históricos diretamente ligados aos contextos narrativos bíblicos e às religiões judaica e cristã. Suas investigações são concentradas na chamada Terra Santa, no restante do Antigo Oriente Próximo e lugares citados neste conjunto de textos. Seu objetivo não é comprovar a veracidade bíblica nem promover a defesa de doutrinas teológicas, o que se pretende fazer é apenas resgatar e estudar a cultura material relacionada ao contexto das narrativas bíblicas.

Schoville (1989) afirma que o foco da arqueologia bíblica é a realização de pesquisas arqueológicas da cultura material encontrada na região do antigo Oriente Próximo, que está diretamente relacionada com o período bíblico. Wright (1957) complementa dizendo que o objetivo do arqueólogo bíblico não é provar a veracidade da Bíblia e, sim, iluminar os eventos históricos e culturais que fazem parte deste contexto.

Nas escavações realizadas na Palestina, hoje, várias etapas de análise são realizadas: descrição geológica das camadas, análise das características arquitetônicas das ruínas, sistematização dos restos de cerâmica, datação de objetos antigos por meio de métodos de radiometria, análise da composição química de materiais não comuns encontrados entre as ruínas e, principalmente, documentação fotográfica de cada parte do sítio arqueológico (AGUILAR, 2010). Atualmente, com o avanço da tecnologia, outros métodos e técnicas são utilizados em campo, como magnetometria, GPS, fotografia digital, sistema de informação geográfica e estudos químicos (DAVIS, 2014).

O Museu de Arqueologia Bíblica do Centro Universitário Adventista de São Paulo

Muitos museus ao redor do mundo possuem coleções referentes ao contexto bíblico. Porém, é o *Museu de Israel*, fundado em 1965, que possui a maior coleção de artefatos que retratam esta temática (XAVIER, 2015, p. 115).

[...] museus de arqueologia bíblica estão crescendo em número nos EUA, tornando mais fácil entender o contexto da Bíblia sem a necessidade de viajar metade do mundo. Atualmente, dezesseis instituições estão em funcionamento, a grande maioria delas ligadas e mantidas por faculdades e seminários, uma prova de que esta tem sido uma tendência nos grandes centros acadêmicos. Exemplos: *Museu Sigfried Horn*, da Universidade Andrews, em Michigan e o *Museu de Chicago*, em Illinois (SILVA; XAVIER, 2012, p. 7).

No Brasil, temos um exemplo de museu de arqueologia bíblica no campus do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP - EC), na cidade de Engenheiro Coelho, que pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia. Em maio de 2000, foi inaugurado o *Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork* que, a partir do ano de 2016, passou a se chamar *Museu de Arqueologia Bíblica* (MAB) do UNASP. Tradicionalmente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia possui grande interesse na temática da arqueologia bíblica. O corpo docente de suas universidades, dentro e fora do Brasil, é composto por alguns arqueólogos. Além disso, a universidade adventista de Andrews, nos EUA, já possui há algum tempo um museu de arqueologia bíblica. O Centro Universitário Adventista oferece os ensinamentos fundamental, médio, superior (14 cursos de graduação) e pós-graduação (20 cursos), totalizando cinco mil alunos, sendo 1.600 em regime de internato (XAVIER, 2015, p. 96).

O acervo do MAB foi montado pelos seus coordenadores com o objetivo de apresentar “amostras representativas dos diferentes períodos da história bíblica e do período pós-apostólico, incluindo a invasão islâmica em Israel, e sobre a Cristandade da Idade Média” (SILVA, 2010, p. 50). Assim,

esta coleção abrange um período de 4.500 anos, desde o Bronze I (3.300 a.C) até o século 15 da Era Comum, com o intuito de abranger tanto geográfica quanto historicamente os povos que aparecem nas narrativas bíblicas e os elementos culturais que fizeram parte da história do cristianismo. As peças foram doadas por pessoas, instituições ou compradas, e a coleção está em constante crescimento.

Os recursos que mantêm e desenvolvem a expansão do MAB são provenientes do Centro Universitário e de doações de filantropos, e sua administração está sujeita à direção do UNASP. O Museu está localizado dentro de uma sala, no segundo andar do prédio do Centro de Comunicações. Sua identificação não é destacada, há um cartaz com seu nome e os horários de funcionamento. As visitas podem ser feitas de domingo a quinta-feira de manhã até à noite (XAVIER, 2015, p. 121 e 136).

Apesar de não possuir uma localização privilegiada, o museu tem uma boa reputação dentro do Centro Universitário, assim como o trabalho acadêmico do curador e diretor do museu, Rodrigo Silva. A visitação é gratuita. Um educador do Centro de Pesquisas faz as visitas guiadas; mas, se a pessoa preferir, a visita pode ser feita sozinha. O livro de assinaturas do museu registrou, até 2015, uma média de 130 visitas por mês (XAVIER, 2015, p. 137).

A proposta do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP é tratar do contexto bíblico a partir de uma perspectiva arqueológica pós-processualista, na qual seu acervo e a própria temática do museu estão voltados para uma melhor compreensão do texto e do contexto bíblicos. Ou seja, a partir do estudo do MAB e sua coleção será possível investigar as relações culturais e sociais dos povos narrados na Bíblia.

[...] o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork entende que a arqueologia bíblica não tem a pretensão de confirmar a veracidade da Bíblia, mas recuperar artefatos que documentem os períodos descritos nas Escrituras e auxiliem na compreensão de seus textos. A função da arqueologia não é comprovar ou refutar os eventos bíblicos e nem estabelecer doutrinas teológicas, ela não entra no campo da fé, porém seus achados têm colaborado para esclarecer relatos sobre personagens, lugares e eventos mencionados na Bíblia (XAVIER, 2015, p. 110).

A análise da estrutura de um museu e de sua coleção perpassa a investigação da documentação do acervo, da política e objetivos do museu e, principalmente, pelo discurso expográfico de sua coleção. Portanto, para se compreender o MAB e sua coleção foi aplicado o método de análise da musealização do objeto, investigando a aquisição do objeto, comunicação e processo de salvaguarda, com base na proposta de Bruno (1999) e Ribeiro

(2012). Quanto à aquisição das peças do acervo, foram analisados os critérios de avaliação de acordo com as políticas do museu, no que estes dizem respeito à origem das peças, formas de aquisição, números de peças da coleção e relevância dentro da coleção. No aspecto da salvaguarda, o foco de análise direcionou-se para as demandas de acondicionamento, conservação, documentação, restauro e segurança do acervo. Quanto à dimensão da comunicação, apenas duas formas foram analisadas: a exposição museológica e as ações educativas.

Aquisição das peças do acervo

O Código de Ética para Museus do *International Council of Museums* (ICOM) exige que os profissionais de museus façam um estudo da procedência dos bens adquiridos e uma diligência obrigatória do acervo. Essa medida tem como resultado a avaliação da história do objeto antes da entrada no museu. O ICOM também propõe que se faça a organização do registro e da documentação do acervo, dentro dos padrões apropriados, e que se mantenha a documentação sistematicamente atualizada na forma de registros e inventários (RIBEIRO, 2012, p. 84 e 91). Dessa forma, para avaliar a origem das peças do MAB, faremos um histórico desde sua formação inicial.

Em 1993, o teólogo e arqueólogo Paulo F. Bork doou 200 livros de sua biblioteca técnica em arqueologia e 110 peças arqueológicas para o Instituto Adventista de Ensino – Campus 2. As peças foram guardadas dentro da caixa-forte do Centro de Pesquisas Ellen G. White. Em 1999, a administração do Instituto Adventista de Ensino nomeou o diretor do Centro de Pesquisas Ellen G. White – Brasil, Alberto R. Timm, como diretor e curador do museu de arqueologia que seria formado. Essa decisão foi tomada porque o “Centro White” já era responsável pelo museu do Centro Nacional de Memória Adventista, formado desde 1988. Os professores Ruben Aguilar, Rodrigo Pereira Silva e Reinaldo W. Siqueira foram nomeados curadores adjuntos (TIMM, 2010).

Nesse momento, a coleção do futuro museu era formada pelas 110 peças doadas por Paulo Bork, entre elas várias moedas e dois vasos e uma lâmpada, doados por Siegfried J. Schwantes e Milton S. Afonso. Além disso, em julho de 1998, o teólogo e arqueólogo Rodrigo Silva, professor do instituto, recebeu a doação de 46 peças de cerâmica e quatro de metal do *Museu Rockefeller* de Jerusalém, autorizadas pelo *Israel Antiquities Authority* (TIMM, 2010).

A coleção mais numerosa foi doada em 2012, com aproximadamente 1.500 moedas, com exemplares persas, gregos, romanos, medievais, do Antigo Oriente Próximo, moedas brasileiras e de diversos países. Esse acervo

foi doado acompanhado de uma catalogação parcial, na qual há uma lista de moedas existentes, mas não possui um sistema de identificação com informações completas para cada moeda. Ainda por ocasião dessa doação foram também doadas uma coleção com 178 livros, sendo eles Bíblias e obras raras; uma coleção com sete peças pré-colombianas e uma coleção com 25 réplicas de selos dos correios da série Legado Brasileiro (XAVIER, 2015).

Atualmente, o acervo do museu (que compreende as peças arqueológicas, as não arqueológicas e as moedas) totaliza 2.117 peças. Desse total, as peças que são arqueológicas e pertencem ao contexto bíblico e ao período bizantino, e não são moedas, são 701 peças. Destas, 424 estão em exposição e 277 na reserva técnica. As peças que estão na reserva técnica são as adquiridas mais recentemente (2012-2016) e que ainda estão sendo catalogadas. Já entre as peças que estão em exibição, há uma lista na qual consta sua existência; porém, não há uma referência correspondente na peça.

As peças que são adquiridas por meio da compra, são adquiridas no comércio legal, e algumas possuem certificação de autenticidade. A escolha das peças está sob critério do arqueólogo e curador do MAB. A compra é determinada para a melhor composição do acervo da instituição. Peças que não fazem parte do contexto bíblico também são aceitas.

Dentre o grupo de peças analisadas (peças arqueológicas, referentes ao contexto bíblico e que não são moedas), 89% das peças são originais e 11% são réplicas. Há, portanto, a predominância das peças originais. Das 701 peças analisadas, 164 não possuem informação de compra ou doação; porém, das peças que possuem essa informação, 73% foram compradas e 27% foram doadas. Isso mostra que a maioria da coleção tem sua origem a partir da compra.

As peças compradas têm uma trajetória peculiar. Em seu uso original, eram objetos com características ligadas ao seu contexto de produção. Depois, são retiradas do sítio arqueológico e consideradas como artefatos. Ao sair do contexto arqueológico, elas foram ressignificadas no mercado de compra e venda de objetos, tornando-se, portanto, mercadoria, e ganharam novamente, após a sua entrada no museu, a configuração de objeto arqueológico. Agora, porém, não são apenas objetos arqueológicos, mas, sim, objetos musealizados.

A predileção do MAB pela compra de peças demonstra a tendência da cultura material, não originária do Brasil, de ser adquirida para que possa fazer parte do patrimônio simbólico do museu. O objeto não é apenas de seu lugar de origem, ele ganha o estatuto de “objeto do museu”. Os museus constroem um novo significado social entre a cultura material pretérita e os seres humanos. Dentro dos museus, a peça ganha um novo significado e

identidade, completamente diferentes do que tinha dentro do seu contexto de uso de origem e do sítio arqueológico.

A relação entre objetos e sujeito muda, portanto, dentro do museu. No MAB, as peças são vistas como objetos que remontam a um passado diretamente ligado ao contexto bíblico. Não são quaisquer peças, mas são peças que se relacionam simbolicamente com o imaginário religioso. Ainda que o museu tenha como propósito associar o acervo com o contexto bíblico, as peças perpassam por ressignificações, já que as escolhas das peças e da própria forma como elas são expostas não dizem respeito ao local onde elas foram encontradas, nem ao seu real uso. Sendo assim, as não escolhas, as ausências e as ressignificações são criadas a partir de elementos subjetivos de agentes contemporâneos.

Segundo Xavier (2017), as peças consideradas mais importantes da coleção são aquelas que dialogam diretamente com o texto bíblico e as que fazem menção às personagens e situações descritas na Bíblia, acrescentando conhecimentos que, sem o artefato, não seriam possíveis. Exemplos disso são o tijolo e tablete com o nome de Nabucodonosor, a réplica do Papiro, as lamparinas do séc. I (livro de Mateus, capítulo 25), alça de jarro com selo LMLK, entre outras.

A preferência por peças originais em sua maioria (89% do total) demonstra a escolha de autenticar a “veracidade” da relação da cultura material com o passado bíblico. A réplica, mesmo sendo muito importante, não tem o mesmo *status* simbólico de aproximação com o real, como a peça original localizada na exposição, sem número de tombo. Além disso, as peças do MAB estão descontextualizadas. O que fazer, portanto, com esse material que, mesmo tendo origem arqueológica, não possui informações arqueológicas? Faz-se necessário que se repense a coleção do MAB, contextualizando-a, descobrindo suas possibilidades para que haja um direcionamento melhor para a narrativa do museu e, assim, se destaque as potencialidades da coleção. Ressaltando, também, a importância das réplicas e como elas podem contribuir para a produção de conhecimento.

Salvaguarda

As informações arqueológicas sobre os objetos não existem, mas o museu está comprometido em fazer a construção de informações museológicas com o material dos comprovantes de compra e certificado de autenticidade que chegam na hora da aquisição das peças, e as possíveis documentações de doação que o museu possui. As peças que têm certificado de autenticidade estão registradas nos arquivos do MAB. Sobre a doação, há alguns termos

de doação, outros apenas o registro de quem fez a doação.

A conservação do acervo é feita através de processos técnicos de higienização, manipulação, acondicionamento e catalogação contínuos. As peças da reserva estão conservadas em ambiente climatizado, mobiliário de aço com pintura eletrostática, caixas organizadoras em polipropileno e plástico bolha, sala com porta-cofre e paredes corta-fogo e extintor de incêndio (XAVIER, 2017).

Dentro da reserva técnica, há um segundo cofre de aço, onde são acondicionadas peças menores e de maior valor monetário, com acesso de senha controlado. As peças expostas são mantidas em sala com alarme, serviço de segurança eletrônica e vigilância. As vitrines são fechadas com chave. Todas as peças do acervo estão no seguro. O ambiente recebe higienização periódica (XAVIER, 2017).

Comunicação

Exposição museológica

As exposições devem estar de acordo com a missão, política e objetivos do museu para estimular o acesso, a reflexão e o reconhecimento do valor simbólico das coleções (RIBEIRO, 2012, p. 95). Quanto à exposição museológica do MAB, ela é de longa duração, organiza-se a partir de uma ordem cronológica e geográfica baseadas nas narrativas bíblicas e possuem artefatos vindos do Egito, Síria, Líbano, Jordânia, Inglaterra, Itália, Grécia, Iraque e Israel.

A primeira coleção corresponde à Idade do Bronze I, com data aproximada de 3300-1900 a.C. Já a segunda coleção corresponde à Idade do Bronze II, data aproximadamente de 1900-1550 a.C. A terceira coleção, por sua vez, corresponde à Idade do Bronze III, com data aproximada de 1500 a 1200 a.C. A quarta coleção corresponde à Idade do Ferro, com data de aproximadamente 1200 a 500 a.C. A quinta coleção corresponde ao Período Persa (550 a 350 a.C) e ao Período Helenístico (332 a 63 a.C). Já a sexta coleção corresponde ao Período Romano, datado aproximadamente de 63 a.C a 324. Finalmente, a sétima e última coleção corresponde ao Período Romano Pós-apostólico, incluindo o Período Bizantino, de 324 a 1400.

Segundo Janaína Xavier:

a organização do acervo nos expositores foi planejada, a princípio, de acordo com as cinco regiões geográficas do mundo antigo: Mesopotâmia, Síria, Israel, Egito e Roma. Posteriormente, em abril de 2002, elas foram reorganizadas em ordem cronológica e geográfica. A exposição não tem título e não se utiliza de recursos textuais explicativos,

apenas plaquinhas identificam as peças, sua datação e origem. A orientação é de que o visitante siga essa sequência histórica das peças, contornando a sala pelo lado esquerdo (XAVIER, 2013, p. 7).

De acordo com Xavier (2013), a exposição das peças do MAB é apenas contemplativa e não provoca questionamentos ao expectador. Porém, ainda segundo ela, há o projeto de expansão do museu, “a perspectiva é de se conceber um museu de fato, atuando não apenas na conservação e exposição de peças, mas também na pesquisa e em ações educativas” (XAVIER, 2013, p. 11).

A construção do passado proposta pelo MAB se esforça em relacionar diversos povos da Antiguidade, que aparecem no contexto bíblico, dentro da escrita do museu. Nesse ponto, o museu tenta fazer um apanhado histórico geral de diversas culturas. O que é bem positivo. Há a influência da concepção cultural contemporânea de compreender o contexto bíblico não focando apenas no que diz respeito ao antigo Israel, no cristianismo primitivo e período bizantino, e sim, pelo interesse em pensar a narrativa bíblica como um emaranhado cultural interrelacional.

Shanks e Tilley (1987b) afirmam que o museu pode deturpar e distorcer o passado, por meio de seleções e classificações feitas pela instituição. Cria-se uma narrativa particular da história e um código próprio de representação histórica. No caso do MAB, que é um museu bíblico, é preciso considerar o direcionamento dado aos objetos, que pode privilegiar alguns pontos e deixar outros de lado.

Segundo Knappett (2014), o envolvimento com a materialidade é feito, dentro dos museus, a partir da exibição, o que causa um efeito objetivante ao artefato. A noção de artefato como objeto é perdida e ele passa a ser entendido conscientemente. Não é apenas visto como um objeto que tem um fim utilitário, mas está acrescido de determinados simbolismos que ligam sua função como objeto ao caráter histórico do artefato. Ou seja, o artefato se relaciona com um mundo que não existe mais. Sendo o ponto de partida para tentar entender determinada cultura. Dessa forma, o acervo do MAB se torna, para o público, um intermediário entre os povos do passado apresentados no texto bíblico e o presente. Além disso, para um museu que tem como temática a arqueologia bíblica, isso é um fator determinante para o encontro do público com a estrutura do museu e seu acervo.

A temporalidade dos artefatos é construída dentro do museu por meio das placas indicativas de datas. Shanks e Tilley (1987a, p. 14) criticam essa forma superficial de relacionar o artefato com o tempo e a história dentro dos museus porque, desta maneira, história vira informação e não significado

social. O MAB segue esse padrão, a exposição não possui título e existem placas em cada peça identificando o período histórico no qual ela se insere. Assim, o museu atinge apenas em parte seus objetivos, porque, por mais que coleciona e exponha achados arqueológicos mencionados no mundo da Bíblia, não os investiga nem os apresenta de forma que o público possa compreender a cultura dos povos relacionados à narrativa bíblica e ao início do cristianismo até a Idade Média. Para chegar completamente ao seu objetivo, o museu precisa não apenas entender seu acervo como amostras representativas, mas, sim, como objetos potencialmente culturais, que podem ser interpretados a partir de sua relação com as narrativas bíblicas e povos pretéritos. Ou seja, como fontes históricas que, por meio do estudo científico, podem ser utilizadas para a construção de conhecimento sobre o passado.

Ações Educativas

Com relação ao público que visita o MAB, o museu recebe visitas espontâneas da comunidade acadêmica e de visitantes diversos que vão conhecer o *campus*. As visitas podem ser feitas individualmente ou em grupos acompanhados por educadores, a partir de um agendamento, por *e-mail* ou telefone. O MAB recebe continuamente grupos de visitantes de diversas partes do país e da região. São, em geral, grupos religiosos de diferentes denominações religiosas e estudantes. Existem, também, alunos de pós-graduação que realizam pesquisas no MAB e são atendidos individualmente, de acordo com suas demandas de pesquisa (XAVIER, 2017).

O arqueólogo responsável pelo MAB possui um canal no *YouTube*² no qual são postados, com regularidade, conteúdos sobre a temática da arqueologia bíblica, assim como entrevistas, palestras e publicações para os mais diferentes públicos que manifestarem interesse. Além disso, o Centro Universitário Adventista (UNASP EC) promove e apoia eventos científicos relacionados ao tema da arqueologia bíblica e viagens às regiões da narrativa bíblica (XAVIER, 2017).

O MAB tem como perspectiva fazer o uso da cultura material para “iluminar” o contexto bíblico e estabelecer uma relação entre o texto e o artefato de forma a proporcionar mais ampla compreensão dos aspectos culturais da narrativa bíblica. É assim, portanto, que a construção do passado é feita pelo museu também através de suas ações educativas.

Shanks e Tilley (1987a, p. 13) afirmam que o museu não é um veículo neutro para uma presença ideal do passado. Não é o passado de fato, e sim, uma metonímia do passado. É comum, dentro dos museus, que os valores

² <https://www.youtube.com/c/RodrigoSilvaArqueologia>

comunicados pela escrita da instituição distorçam a representação do passado. Há o uso da história para a afirmação de ideias políticas e sociais, muitas vezes de cunho nacionalista. Essa história construída é comunicada à sociedade, por meio dos museus e outros veículos culturais, para legitimar uma versão “oficial” do passado. Mesmo tratando de regiões culturais muito conflitantes, o MAB não tem a pretensão de comunicar ao público nenhuma espécie de legitimidade cultural entre algum segmento étnico e a arqueologia. Apenas documenta o contexto bíblico por meio da cultura material. O que é um ponto que deve ser destacado, já que, dentro da arqueologia bíblica, ainda hoje, permanecem segmentos que usam a arqueologia para legitimar heranças culturais.

O MAB está dentro de uma universidade confessional que alia produção de conhecimento e cultura com pesquisa acadêmica. O próprio museu tem como proposta tratar do contexto bíblico a partir de um viés científico. Porém, há de se questionar se é possível ter um viés científico não tendencioso, que extrapole os limites da ciência para favorecer a perspectiva religiosa. Deve-se pensar até que ponto essa neutralidade existe e, existindo, quais são as dificuldades em aliar a perspectiva científica ao tema tratado pelo museu.

O museu, partindo de uma proposta que reúne ciência e perspectiva bíblica, poderia explorar mais essa relação, apresentando de que forma o estudo científico dessa temática pode ser materializado no meio acadêmico, por meio de palestras, congressos, publicações diversas, dentre outros meios de publicações. Até porque essa relação é uma proposta bem inovadora e precisa ser fortalecida pela instituição se seu objetivo é este.

De acordo com Robrahn-González (1999-2000), o museu não é apenas o lugar de guarda e exibição da cultura material, mas, também, da pesquisa e análise dos objetos, porém isso ainda não é feito na MAB. Há interesse e cooperação dos coordenadores do museu na realização de visitas e pesquisas acadêmicas sobre o museu e sua coleção. O objetivo futuro da instituição é que o MAB se torne um centro de pesquisa, responsável pela preservação cultural, não apenas em termos de museus, mas também no que diz respeito à produção científica.

Considerações finais

Por que um museu de arqueologia bíblica no Brasil? Isso pode ser explicado devido à grande demanda social por elementos culturais que tratem da narrativa bíblica. Essa demanda pode ser percebida pelo forte desenvolvimento do protestantismo, no Brasil, desde o fim do século 19. Além disso, a formação de diversas produções e centros culturais que, atualmente, dialogam

com o contexto bíblico (novelas, filmes e minisséries), ressaltam a demanda social por elementos que tratem da narrativa bíblica. É uma forma também de inserir o Brasil dentro do grupo dos países que possuem bens culturais dos imaginários oriental e bíblico.

O MAB pode ser entendido como uma instituição museológica pautada em três fatores: é um museu universitário, arqueológico e bíblico. Seu acervo é formado, em sua maioria, por peças originais e que foram compradas. A apresentação dos artefatos é feita a fim de proporcionar um sentido particular para o visitante. O sistema de apresentação e visualização das peças é feito para criar significados ao público. A leitura que se dá à exibição dos objetos é totalmente relacionada com a cronologia bíblica. A relação entre acervo, temática e objetivos do museu são entrelaçadas a partir do foco na narrativa bíblica. Porém, falta a apresentação clara do discurso do museu e a necessidade que se faça uma contextualização da coleção.

Assim, novas perguntas devem ser lançadas sobre o MAB e sua coleção para que outras pesquisas acadêmicas possam ser feitas, e a sociedade poderá interagir mais com esse tipo de acervo que o país possui. Outra possibilidade futura, que não foi abordada por esse trabalho, é traçar as divergências e convergências entre o MAB com outros museus de arqueologia bíblica de outros lugares do mundo e, até mesmo, outros acervos que tratem do contexto bíblico, mas que não se definem como museu de arqueologia bíblica.

A coleção do MAB permite a realização de pesquisas sobre a vida cotidiana e religiosa, econômica, artística, religiosa e política dos povos produtores da cultura material presente na instituição. O que deve ser feito é um trabalho mais produtivo com os objetos e não os ter apenas como materiais expostos, mas, sim, possuidores de possíveis significados para construção de hábitos, costumes e o cotidiano dos povos do passado. Podem ser destacadas as possíveis semelhanças e diferenças dos povos por meio da cultura material.

A exposição do MAB fornece informações culturais e religiosas, sua maioria sobre os povos do passado, o que permite estudos relacionados com a diversidade desses povos, em todos os aspectos de sua vida cultural e religiosa. Um ponto a ser destacado é o fato de o acervo do MAB permitir estudos bíblicos e não-bíblicos, atrelados à cultura judaico-cristã e também a outras vertentes religiosas. Focar apenas nas possibilidades bíblicas pode fazer com que a coleção seja subutilizada.

Referências bibliográficas

AGUILAR, Ruben. A arqueologia bíblica (perspectiva histórica). In: STENCEL, Renato; TIMM, Alberto (Orgs.). *Museu de Arqueologia Bíblica: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010, p. 73-105.*

- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da arqueologia: um estudo de modelos para o projeto Paranapanema. *Cadernos de Sociomuseologia*, n. 17, 1999.
- CURRID, John. *Arqueologia nas terras bíblicas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- DAVIS, Thomas. History of research. In: STEINER, M. L.; KILLEBREW, A. E. *Oxford handbook of archaeology of the Levant c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- FRÉDÉRIC, Louis. *A arqueologia e os enigmas da Bíblia*. Coleção Grandes Civilizações Desaparecidas. Rio de Janeiro: Otto Pierre, 1978.
- KAEFER, José Ademar. *A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá*. São Paulo: Paulus, 2015.
- KNAPPEIT, Carl. Materiality in archaeological theory. In: SMITH, Claire; GASCOIGNE, Alison L. *Encyclopedia of global archaeology*. London: Springer, 2014.
- RIBEIRO, Diego Lemos. *A musealização da arqueologia: um estudo dos museus de arqueologia do Xingó e do Sambaqui de Joinville*. 2012. 376 f. (Tese de Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ROBRAHN-GONZÁLEZ, Erika Marion. Arqueologia em perspectiva: 150 anos de prática e reflexão no estudo de nosso passado. *Revista USP*, São Paulo, n. 44, p. 10-31, dez./fev. 1999-2000.
- SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. *Social theory and archaeology*. London: University of Cambridge, 1987a.
- SHANKS, Michael; TILLEY, Christopher. *Re-constructing archaeology: theory and practice*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987b.
- SILVA, Rodrigo P. Coleção do Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP. In: STENCEL, Renato; TIMM, Alberto (Orgs.). *Museu de Arqueologia Bíblica: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010, p. 73-105.
- SILVA, Rodrigo P.; XAVIER, Janaína Silva. Museu de Arqueologia Bíblica do Centro universitário Adventista de São Paulo: os caminhos do diálogo com a comunidade. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v. 2, n. 7, p. 1-15, jul./dez. 2012.
- SCHOVILLE, Keith; MANSOOR, Menahem. *Biblical archaeology in focus*. Grand Rapids: Baker Book House, 1989.
- STEINER, M. L.; KILLEBREW, A. E. Introduction. *Oxford handbook of Archaeology of the Levant c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- TIMM, Alberto R. Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP: breve histórico. In: STENCEL, Renato; TIMM, Alberto (Orgs.). *Museu de Arqueologia Bíblica: artigos em homenagem ao Dr. Paulo Bork*. Engenheiro Coelho: Unaspres, 2010, p. 73-105.
- WRIGHT, G. Ernest. *Biblical archaeology*. Philadelphia: Westminster, 1957.
- XAVIER, Janaína S. *Museu de Arqueologia Bíblica do UNASP: expografia e comunicação*. Trabalho de Conclusão da Disciplina de Comunicação e Expografia, do Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia da USP, sob orientação da Prof^a. Dr^a Marília Xavier Cury, nov. 2013.
- XAVIER, Janaína S. *Plano museológico: uma discussão para o Museu de Arqueologia Bíblica Paulo Bork do Centro Universitário de São Paulo*. 2015. 175f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia, Universidade de São Paulo.
- XAVIER, Janaína S. *Fotos; projeto* [mensagem pessoal]. Mensagem enviada por <janaína.xavier@ucb.org.br>. 17 mar. 2017.